

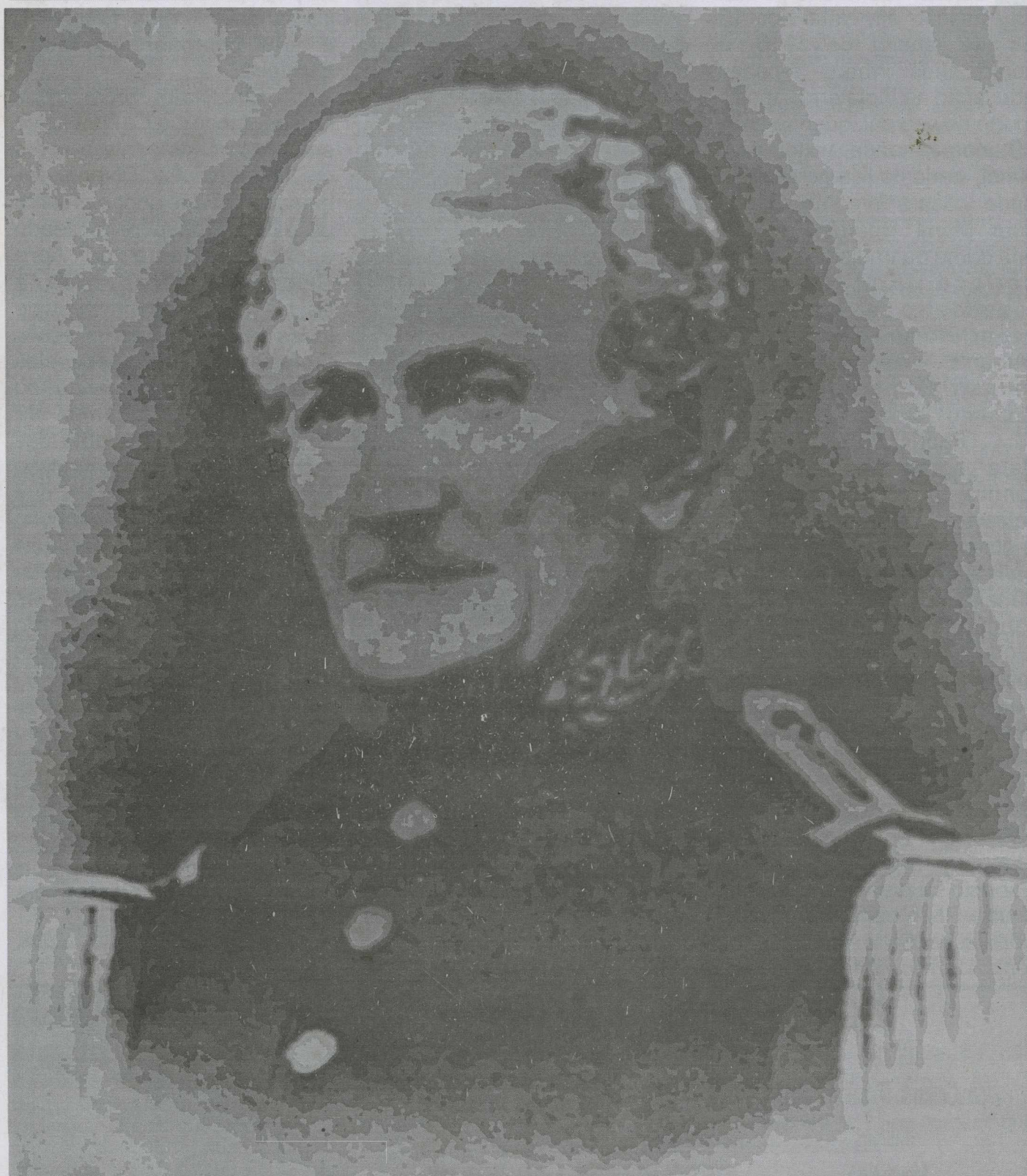
O Potiguar

Ano XI

Nº 50

Março / Abril 2008

Distribuição Gratuita



Barão de Mipibu

Barão de Mipibu

Miguel Ribeiro Dantas nasceu a 9 de março de 1799. O pai, José da Silva Leite, dera ao bebê o nome do sogro, português de Lisboa, falecido três anos antes de ver o neto. A mãe, Dona Joana Maria Dantas, que em 1797 era menor, deve ter ficado contente. Todos os Ribeiros Dantas eram proprietários em S. José de Mipibu e o segundo Miguel passou a meninice na vida livre e sadia dos engenhos de açúcar.

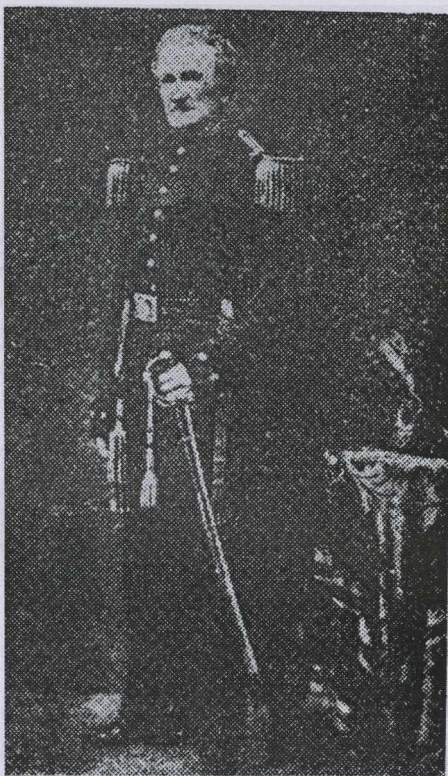
Não sei onde aprendeu a ler e a contar. Foi, depressa, herdeiro das tradições da família, possuindo terras, fundando safras, vigiando o empilhamento das formas que eram enviadas para Pernambuco, pela praia de Pirangi. Para todos os efeitos, era um senhor de Engenho, rico, agasalhador e senhorial.

Na idade do amor, procurou uma prima, na praxe endogâmica das dinastias rurais. No vale do Ceará-Mirim estava Antônio Bento Viana, dono de engenhos e fazendas, senhor do "Carnaubal", o mais lindo canto da região. Antônio Bento Viana doara à Igreja o terreno onde a vila se ergueu, paralelogramo limitado ao norte pelo álveo do rio e ao sul com a estrada das Antas. Casara Bento Viana com Dona Maria Dantas, irmã da mãe do jovem Miguel Ribeiro Dantas. Havia uma menina bonita, priminha, chamada Maria. Miguel chegou, viu e se apaixonou. Casamento faustoso, alegria geral, auspícios entusiásticos. Começou a lua-de-mel.

Dias depois, o marido convidou a esposa para a viagem de regresso. A recém-casada pediu alguns dias de espera. Outra sugestão para o retorno. Novo pedido para demorar. Miguel Ribeiro, serena ou berrantemente, declarou a dona Maria que voltaria para São José, com ela ou sem ela. O dia amanheceu. Miguel Ribeiro Dantas viajou sozinho. Nunca mais viu a mulher.

Esgotado o prazo da lei, nascia, em 1825, um filho, Miguel Ribeiro Dantas, terceiro do nome, o famoso Miguel Ribeiro, do "Diamante".

Em São José, ano após ano, a fortuna de Miguel Ribeiro se



alastrava. Fazendas, sítios, engenhos, campos, serras, rios, florestas, tudo era seu. As melhores propriedades pertenciam-lhe, como "Laranjeiras", "Tapuia" e a célebre "Lagoa do Fumo", onde estava a casa-grande. Em todo litoral da Província, sabiam todos, era o maior possuidor de ouro em moeda. Tinha uma mala cheia, reluzente, falcando como tentação.

Conservador, nunca figurou na Assembléia Legislativa. Falava gritando, dando abraços e sabendo receber a quem o procurava. Era homem de gestos esplêndidos. O Dr. Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti uma vez precisou desesperadamente de quarenta contos. Exigiam esse dinheiro para pagamento imediato da arrematação do dízimo de gado que o Dr. Amaro fizera para distribuir entre os correligionários. Fabrício Gomes Pedroza, de Guarapes, emprestaria a quantia com o endosso de um padre e dois coronéis. O Dr. Amaro correu a um coronel, Antônio Basílio Ribeiro Dantas e a um padre João Jerônimo dá Cunha, o "Padre do Bosque", e recebera excusas gentis. Apelou para Miguel Ribeiro, seu adversário, amigo pessoal. Miguel Ribeiro, alto, magro, sisudo, narigão comprido, fanhoso, pediu ao grande chefe liberal um encontro em Guarapes. Avistaram-se na manhã seguinte.

Miguel explicou que, não querendo faltar ao amigo, trazia um endosso idôneo para o empréstimo que Fabrício Pedroza faria. E ofereceu uma bruaca repleta de moedas de ouro. Era o endosso. Apenas, declarou, não queria receber juros e sim aquele mesmo saco, com as mesmas moedas. E, sem esperar agradecimentos, galopou para São José. O Dr. Amaro levantou o dinheiro, pagou a dívida e, meses depois, enviava, com uma carta floreada, a bruaca preciosa.

Anos depois subiu o Gabinete Rio Branco, conservador. Amaro Bezerra contava com um amigo velho, apesar de adversário. Era o Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, Ministro do Império. Voou a João Alfredo e narrou a história espantosa do correligionário ministerial. João Alfredo entusiasmou-se. Por decreto de 28 de março de 1877, Miguel Ribeiro Dantas era feito Barão de Mipibu.

Antes, mandara construir um edifício confortável, doando-o ao município para a instrução pública. Foi feito Coronel Comandante da Guarda Nacional e há retrato seu, fardado, imponente. Presidiu a Câmara Municipal de São José, de 7 de janeiro de 1833 a 7 de janeiro de 1837.

Faleceu a 14 de junho de 1881. Sepultou-se no cemitério da Cidade.

Deixou uma lenda, lenda de tesouro enterrado. Seu filho único, encontrou-se riquíssimo, com engenhos, fazendas, gados, casas, mas não achou uma só moedinha de ouro, das milhares, que o Barão de Mipibu estirava ao sol, sobre grandes couros de boi, para arejar, guardadas pelos escravos fiéis, de olho vivo e bacamarte ponteiro.

Dentro da terra de São José, numa propriedade, está o ouro do Barão de Mipibu, esperando a visita do herdeiro que o acaso indicará...

11/5/1941

Luís da Câmara Cascudo

Extraído de *O Livro das Velhas Figuras*, vol. I, Sebo Vermelho, Natal, 2002

Sagas de circo



Cena do filme *Lola Montés* (1956), do cineasta Max Ophüls

O circo, a velha forma de diversão que os romanos inventaram, e que contemporaneamente adquire o charme e a sofisticação tecnológica exemplificáveis no já famoso Cirque du Soleil, também já passou pelos escaninhos da magia luminosa da Sétima Arte. Muitos filmes foram retirados de lá, de sob a empanada, contando sagas e dramas da gente circense. Do genial “Lola Montés” – realizado na França pelo alemão Max Ophüls, em 1956, e que foi visto algumas vezes em Natal, inclusive em cartaz no Rio Grande a 02 de Agosto de 1980 – ao apenas razoável “O Maior Espetáculo da Terra” – realizado pelo norte-americano Cecil B. de Mille, e que estava à disposição do espectador natalense também no cinema Rio Grande, a 09 de Agosto de 1964.

Estas datas de exibição destes filmes em Natal eu pude anotar, a partir do registro que minha irmã Salete Pimenta fazia, em um caderno, de todos os filmes que assistia, desde que a nossa família (meus pais e meus

irmãos) veio morar em Natal, a 21 de Abril de 1960, dia exato em que Brasília, a nova capital brasileira, estava sendo inaugurada. Mas outros excelentes filmes circenses, não sei quando foram exibidos em Natal. Podendo mencionar “O Circo”, o último filme mudo de Charles Chaplin (realizado em 1928). Mas, além das anotações de minha irmã, tenho minhas próprias pesquisas. E mesmo não tendo visto determinados filmes, sei que em que data foram exibidos em Natal, e em qual cinema.

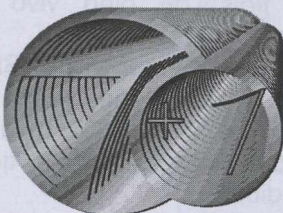
A 25 de Novembro de 1934, por exemplo, entrava em cartaz no Royal Cinema, a velha casa de espetáculos da rua Ulisses Caldas, o filme “Atriz do Circo”. O mesmo cinema exibia, a 04 de Junho de 1936, o filme “Somos de Circo”. No Rex, a 14 de Junho de 1939, o espectador podia assistir “Cupido é de Circo”. E no dia 21 de Agosto de 1957, simultaneamente dois filmes circenses estavam passando na cidade: “Houdini, o Homem Miraculoso” no cinema Rio Grande; e “Na Arena do Circo” (com

“os mais famosos artistas de circo do mundo” – dizia a propaganda, no jornal “A República”), no cinema Rex.

Um filme sobre o tema, que eu gostaria de ter assistido, mas que infelizmente nunca vi, foi “Noites de Circo”, de Ingmar Bergman, que, pelo que já li em resumos biográficos sobre o diretor sueco, inaugurou uma nova etapa na linguagem de sua obra. Gostaria de ter visto também o seriado “O Menino do Circo”, realizado nos Estados Unidos, e onde o menino que interpretava o personagem Kory, mais tarde seria o baterista do conjunto Moonkes, Mickey Rolens. E me pergunto: mereceria ser assistido o filme “A Tragédia Conduz o Espetáculo”, também filme circense, em cartaz no Rex a 05 de Novembro de 1957, e tendo como uma das intérpretes Brigitte Fossey, que foi revelada como a menininha do filme “Brinquedo Proibido”.

Para finalizar, uma sugestão: já que a maioria dos bons filmes circenses de antigamente não voltam a serem exibidos, eu aconselharia a quem tem aparelho de DVD tentar adquirir algum ou todos os filmes em DVD produzidos pelo pessoal do Cirque du Soleil. É arte pura, de alta qualidade, principalmente os episódios “Nouvelle Expérience” e “Saltimbanco”. Belíssimos visuais, música clássica agradabilíssima de ouvir, números incríveis a demonstrarem a capacidade de auto-realização do corpo humano. Em alguns momentos, os filmes Cirque du Soleil lembram aquele final, desfile de personagens circenses, em “Oito e Meio”, de Fellini.

Anchieta Fernandes



**SALESIANO
NATAL**

**Há 71 anos, educando e evangelizando
a juventude potiguar.**

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - CEP 59.012-530 - Natal/RN - Tel.: (84) 3211-4220/ 4431 - Fax: (84) 3611-1027

E-mail: salenatal1@digi.com.br - Home page: www.salesianonatal.com.br

Quem foi "Zé-Pereira"?



E Viva o Zé-Pereira / Que a ninguém faz mal / E viva a bebedeira / Nos dias de carnaval / zim, balalá! zim balalá / E viva o Carnaval".

Este é o refrão da música que representa o reinado de Momo, cantada e recantada na cidade do Natal nos velhos e saudosos carnavais.

O Rei Momo (o sarcasmo acrimonioso), mitologicamente é um deus grego, senhor das burlas, filho de Nix (a noite). Tradicionalmente no carnaval, uma figura folclórica, inspirada neste deus é eleita para animar os desfiles e bailes carnavalescos, tendo como credencial eleitoral o peso e a alegria contagiante.

O Zé-Pereira surgiu no carnaval do Rio de Janeiro, precisamente em um segundo

dia do reinado de Momo. Um sapateiro chamado José Nogueira de Azevedo Paredes, que tinha uma oficina na rua de São José, 22, naquela cidade, resolveu, juntamente com um grupo de amigos brasileiros e patricios, promover em uma segunda-feira de Carnaval, um desfile a maneira como era realizado em Portugal, ou seja, ao som de zabumbas, tambores e bombo.

José Nogueira, como era conhecido, era um tipo atlético, amorenado, de bigode grisalho e cabelos totalmente brancos cortados a moda escovinha. Este português organizou-se com instrumentos de percussão e saiu pelas ruas do Rio de Janeiro puxando a batucada onde ele tocava o bombo. Este desfile foi realizado em 1846, segundo a

escritora Eneida ou em 1852, de acordo com o escritor Edigar (com i) de Alencar, fazendo um grande sucesso.

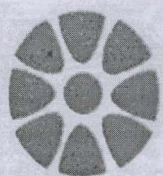
Após o desfile o sucesso foi tão grande que nos anos seguintes, "Zé Nogueira" passou a repetir o desfile, enquanto os foliões da época, entusiasmados com a idéia, gritavam *Viva Zé-Pereira*, trocando, inadvertidamente, o nome *Nogueira* por *Pereira*.

Após este fato, os clubes passaram também a desfilar a maneira de "Zé-pereira", surgindo assim vários outros blocos e cordões carnavalescos neste estilo, ficando então criado o cordão carnavalesco que veio a ser o símbolo do período momesco e precursores das atuais Escolas de Samba que realizam os grandes desfiles carnavalescos nos dias atuais.

O "Zé-Pereira" passou a ser um hino do carnaval brasileiro. Muitas letras foram compostas seguindo a mesma musicalidade. O refrão da letra original da música "Zé-Pereira" é exatamente o que abre esta crônica. Portanto, divirta-se em todos os carnavais da cidade do Natal e viva o Zé-Pereira.

Manoel Procópio de Moura Júnior (*)

* Procurador, Escritor e Sócio Efetivo do IHG/RN



HOTEL SOL NATAL

Apto: Solteiro R\$ 60,00

Tripla R\$ 80,00

Duplo R\$ 70,00

Suite R\$ 100,00

Ar / TV / Frigobar / Café da manhã

Rua Heitor Carrilho, 107 - Cidade Alta - Natal/RN
Fone - (0**84) 3201-2208 fax: (0**84) 3221-1157

Raimundo Nonato, romancista

Comemora-se este ano o centenário de nascimento de Raimundo Nonato da Silva (Martins, 18-08-1907 / Rio de Janeiro, 22-08-1993). Polígrafo, autor de numerosos livros e folhetos, quase todos sobre temática regional, R. Nonato - como, às vezes se assinava - estreou nas letras com um romance - "Quarteirão da Fome" (Editora Pongetti, Rio de Janeiro, 1949). Logo, porém, voltou-se, inteiramente, para a pesquisa nos domínios do Folclore, da História e da Biografia. Só muito tempo depois, tornou à ficção com um novo romance - *Poço das Pedras* (Editora Pongetti, Rio de Janeiro, 1973). Seria sempre um "escritor literário", na classificação de Gilberto Freyre, deixando-se nele entrever o ficcionista, o contador de histórias (v. obras de pesquisa, como *"Estórias de Lobisomem"*), mas destaca-se, sobretudo, no campo das ciências humanas e sociais, bem como na memorialística. Sua obra de ficção restringe-se aos dois livros referidos, e por ser quase desconhecida das novas gerações, merece enfoque especial.

Publicado em 1949, vinte e sete anos depois da Semana de Arte Moderna, "Quarteirão da Fome" é um romance acadêmico, ou melhor, passadista. Linguagem, estilo (a frase longa rebuscada, o tom solene), estrutura narrativa, tudo nele tem a marca inconfundível de determinada corrente do Realismo, cujo apogeu, no Brasil, verificou-se na segunda metade do século passado.



Tenho para mim que o autor, em sua formação literária, ignorou os escritores modernistas, ou fugiu à influência deles. Por ser assim retardatário, epígono, seu livro não desperta muito interesse, embora tenha inegáveis qualidades.

Alguns críticos - deve-se frisar - não o consideram obra de ficção, mas sim, uma série de quadros e crônicas sobre o sertão castigado pelas secas. Inexiste uma "urdidura narrativa central, que fizesse depender um capítulo de outro sob o ponto de vista factual", como bem afirma Anchieta Fernandes, todavia reconhecendo haver uma "uma estória que pontua todo o corpo do livro" - livro que é, a ser ver, "um grande romance".

Os personagens são, apenas, esboçados. Não ganham vida. Mas, na verdade, existe um grande *personagem* e este é o próprio sertão - o sertão parado no tempo e imune à Civilização durante toda a primeira metade do

século XX. Descrições minuciosas, vazadas num português escorreito, revelam aspectos da terra & gente sertanejas - paisagens, fenômenos naturais, costumes, tradições, etc. Vê-se que o autor - etnógrafo em potencial - tem o dom de bem observar e melhor descrever. Infelizmente, falta-lhe imaginação, qualidade essencial a todo bom ficcionista.

Não sem razão, ele, depois deste livro de estréia, abandonou a Ficção, enveredando pela pesquisa.

"Quarteirão da Fome", em boa parte, é feito de lembranças da Serra do Martins, terra natal do autor. A cidade imaginária de Bela Vista, onde transcorre a ação romanesca, tem alguns traços de Martins. Já em *"Poço das Pedras"* toda uma outra cidade - Mossoró - serve de palco a ingênua história de amor. Muitas recordações da juventude do autor, vivida na *capital do Oeste*, transformaram-se em matéria-prima de sua ficção.

Diferentemente do romance de estréia, *"Poço das Pedras"* é, sob todos os aspectos, moderno. Tem numerosos pontos de afinidade com o Romance Regionalista de 1930, mas não atinge o alto nível qualitativo de obras exponenciais daquele movimento, como por exemplo, *"Fogo Morto"*, de José Lins do Rêgo e *"Vidas Secas"*, de Graciliano Ramos

Manoel Onofre Jr

PREFEITURA DO
NATAL
COMPROMISSO COM A CIDADE



Escola Municipal de Ballet
Professor Roosevelt Pimenta - Natal/RN

FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes

Av. Câmara Cascudo, 434 - Cidade Alta - Tel.: 32324949



Canto da Ema

Sofrença

Não existe mais poesia
Nem razão pra se viver
O povo nessa sofrença
Massacrado a padecer
Nem um grito mais se ouve
Nessas ruas e jardins
Pois o novo nunca vem
E eu estou sem comer.

E a nossa bandeira
É sangue, suor, luta e miséria
E a nossa bobeira
É não matar a besta-fera.

Eu sou a sobra desse mundo
E a esperança está perdida
Ando em busca de uma chama
Que incendeie a minha vida.

O mundo é de quem dorme pouco
E essa sede me alucina
Esse grito me sufoca
Atormenta a nossa sina.

Terto/ Nagério

A Ponte

O forte, desde antanho alevantado,
sob as ordens d'el Rei, fiel e atento
o deixou Mascarenhas, bem postado,
insone e exposto ao sol, à chuva e ao vento.

Refém Batavo viu-se, mas tormento
pior que todos fê-lo o ingente fado:
imóvel namorado em desalento,
vendo a bela Redinha do outro lado.

E assim tolhido, pois, nos seus amores
pelo rio... invoca aos protetores
um toque só, na amada ali defronte...

E os Magos, em resposta: - Como queres,
mandar-te-emos um novo Sampères,
que dar-te-á um braço feito ponte!

Ubiratan Queiroz

LEMBRANÇA

Eu tinha um pintassilgo novo ainda,
que desatava estridula harmonia,
e de plumagem jalde-negra, linda,
que lampejava quando o sol fugia!

Certa manhã, notando calma infinda,
pois, do pássaro, o canto eu não ouvia,
e mais... pensava já não ser benvinda
a luz que anunciava aquele dia.

Fui procurar o pássaro canoro,
mas, com presságio de tristeza e choro,
não de vê-lo, ao poleiro esvoaçando.

O quadro que encontrei, lembrar, desola:
- o passarinho morto na gaiola,
e, ao redor, as formigas passeando

João Emerenciano (filho)

SEBO AMORIM
RUA PADRE GERMANO Nº 135 - NOVA DESCOBERTA
GALERIA DE ARTE - CDS - LIVROS - DISCOS - INSTRUMENTOS MUSICAIS
NOVO ENDEREÇO

NOVO ENDEREÇO

HOSPITAL DO CORAÇÃO

PARQUE DAS DUNAS

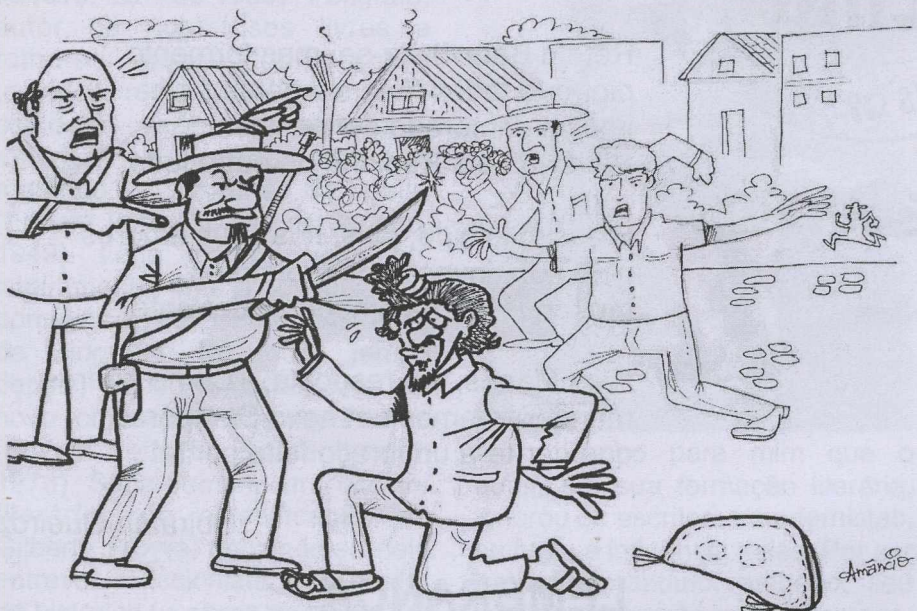
BATALHÃO VISCONDE DE TAUNAY
7º BE Cmb

ACESSO A UFRN

Rua Padre Germano nº 135
Nova Descoberta
Tel. 3206.2790
Cel. 9973.9423

Os Cacheados

Avós dos Cangaceiros



Em Fortaleza, capital do Ceará, a rua de Baixo que já se chamou Conde d'Eu e Senna Madureira e hoje não sei mais que nome tem, acompanha o curso do riacho Pajeú e é talvez a mais antiga da cidade. Ainda há um ano, quando a vi pela última vez, sua edificação, entre o palácio do governo e a Sé, conservava o aspecto colonial e, junto do mercado de farinha, existia alto muro com dois largos portões de madeira. Se por acaso eles se abriam, avistavam-se duas rampas empedradas que davam acesso a um terraço sobre o qual se erguia um casarão quadrado, de biqueira. Fora, no século XVIII, o paço dos capitães-mores ou governadores do Ceará Grande.

No ano da Graça de 1782, residiu ali o tenente-coronel de infantaria portuguesa João Baptista de Azevedo Coutinho de Montauray, que veio mais tarde, com D. João VI, para o Brasil, no alto posto de marechal. Como a maioria dos oficiais superiores da época, era um sargento e resolvia despoticamente todos os casos submetidos ao seu rude julgamento, mesmo os que estavam fora de sua alçada.

Os antigos cangaceiros do Nordeste tinham o hábito, que se

prolongou até bem pouco tempo, de usar como distintivo profissional, sinal de valentia e fereza, uma longa melena sobre a testa, que, frisada naturalmente pela mestiçagem, se enrolava, formando uma trunfa ou topete. E daí talvez venham as expressões *ter topete e ser topetudo*, indicadores de audácia.

Quando o possuidor da mecha estava de chapéu à cabeça, ninguém a via; porém, logo que o tirava ou o derreava para traz, ela aparecia. E nenhuma pessoa se atrevia a tirar o menor *palúxio para as bandas* dum desses tipos. Nesse tempo, não se chamavam jagunços nem cangaceiros os *cabras* famanazes e os bandidos: eram os cacheados.

Em fins do século XVIII, eles enchiam o Ceará. Invadiam mesmo o litoral. Coutinho de Montauray, que residira algum tempo na vila do Aquiraz, a qual ainda disputava à vila do Forte, hoje Fortaleza, a hegemonia administrativa e social, tinha profunda ojeriza aos cacheados e fazia-lhes guerra de morte.

Na tal residência da rua de Baixo, debruçava-se pela manhã no muro que dava para a via pública e punha-se a observar a gente que ia para a antiga Praça

do Conselho, depois, da Sé. Mal dava com um *cabra* de chapéu descido para a nuca e cacho bamboleando no meio da testa, gritava aos soldados da guarda:

- Pega!

Quatro ou cinco milicianos seguravam o valentão e traziam-no à presença temível do déspota. Com um safanão, o cabo de esquadra atirava-lhe o chapéu de couro ou de *casco de peba* ao chão. O cacho flutuava livre. E o capitão-mor ordenava:

- Sargento, corte a trunfa deste não sei que diga!

O inferior arrancava o amolado chilfarote da bainha e decepava o atributo capilar do famanaz. Os soldados desarmavam-no e soltavam-no. Montauray bradava:

- Vá embora, *cabra*! E, cuidado! Não deixe crescer outra trunfa!

Depois de umas seis ou oito dessas *execuções*, nenhum cacheado quis passar, ostentando topete, pelas imediações da casa do governador. Como precisassem ia à Praça, escondiam cuidadosamente sob o chapéu a gaforinha implicante. O capitão-mor notou que os cachos tinham desaparecido. Raramente acontecia poder decepá-lo a trunfa dum *cabra* chegado de fora e ignorante do ódio oficial àquele símbolo de bravura. Estavam roubando o melhor prazer que fruía no seu posto de tiranete colonial numa capitania pobre e distante. Deu o cavaco e, certo de que os cachos continuavam a vicejar ocultos, mandou fazer um serviço de espionagem.

Poucos dias mais e foi informado que a cabroeira passava diariamente pela sua casa de trunfa escondida no chapéu. Então, na manhã seguinte, gritou do alto do muro ao primeiro *cabra* suspeito que se dirigia à feira:

- Pare aí!

O homem estacou

respeitoso, intimidado. E ele melífluo:

- Por que não tira o chapéu para dar bom dia ou pedir a benção ao capitão-mor, representante de El Rei Nosso Senhor?

O cearense descobriu-se e o cacho esvoaçou sobre a testa brunida pelo sol. O governador bradou à guarda de milicianos:

- Pega!

E o sargento:

- Corte-lhe a trunfa!

Desde esse dia até deixar o governo da capitania e recolher-se a Lisboa, Montaury obrigou todos os homens de cor, que pela manhã se dirigiam ao mercado, tanto no Aquiraz como em Fortaleza, conforme residisse numa ou na outra vila, a se desbarretarem, diante do paço do governo, estivesse ele, ou não, debruçado sobre o muro, ou na janela. E o sargento decepava de um golpe de terçado os topetes cangaceirais.

Foi, assim, o tenente-coronel português, no Ceará, um verdadeiro Gessler, embora com um fim mais nobre – o de extirpar um mal da sociedade. Infelizmente, seu espírito de vôo curto não atingia as razões sociológicas daqueles cachos. Somente via os efeitos. Não meditava sobre as causas. Pensava acabar com os primeiros sem extirpar as segundas. Os modernos governadores do Nordeste, em matéria de combate ao cangaceirismo, não estão mais adiantados.

Eriçando-se de raiva contra os cachos dos sertanejos e praiheiros valentões, o sargento luso obedecia ao instinto burguês

de receio ante todo e qualquer símbolo de orgulho, liberdade e desordem. Peladan traça essa psicologia, admiravelmente, num pequeno período do romance *La Licorne*: *Em face de l'allure bohême, le bourgeois éprouve um déplaisir; il se croit bravé par les longs cheveux comme les Bourbons de Naples estimaient l'être par lês longues barbes; et ne pouvant mener lê chevelu chez le barbier entre deux gendarmes comme ces sinistres roitlets ménaient le barbu, ils hérissent de malveillance.*

Uma anedota sobre Montaury, narrada por João Brígido, serve para terminar o retrato desse figurão dos nossos bons velhos tempos. Queixou-se-lhe um caminheiro que certo negociante se negava a pagar-lhe uma viagem ao sertão do Piauí, que fizera por sua conta. Chamado à presença do capitão-mor, disse o último que o outro fora a uma cobrança e, não a tendo efetuado, ele nada lhe devia. Retrucou o queixoso que se não responsabilizara e nem se podia ter responsabilizado pelo êxito. Montaury concluiu, dirigindo-se ao negociante.

- Pague e pague já!

- Mas eu não trouxe dinheiro comigo, Sr. Governador...

O déspota abriu uma gaveta e tirou a quantia necessária.

- Aqui tem o dinheiro, disse. Eu lhe empresto.

Mal humorado, o comerciante deu as moedas ao caminheiro com estas palavras:

- Tome lá pelo amor de Deus!

Cumprimentou o capitão-

mor e ia retirar-se, quando este falou, de mansinho:

- Então, vai embora sem pagar ao homem?

- Eu já paguei!

- Não. Você deu aquele dinheiro pelo amor de Deus. Empresto-lhe outra vez a mesma quantia. Pague ao homem.

O negociante voltou-se para o caminheiro:

- Tome lá o seu pagamento.

E saiu, vendendo azeite às canadas. Em chegando à casa, mandou logo reembolsar o senhor governador. "E que o não fizesse", comenta João Brígido.

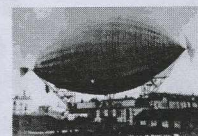
Montaury, sem dúvida, era um bruto, mas tinha o sentimento da justiça e o amor da ordem. É o que se conclui de sua crônica ainda hoje guardada na tradição oral do Ceará.

Desde o seu tempo, os administradores daquelas paragens procuram combater os cacheados, os jagunços, os cangaceiros, sem resultados apreciáveis. Porque perdem o tempo em decepar cachos, que são frutos, deixando intactas todas as raízes da árvore do mal: injustiça, insegurança, falta de trabalho organizado, coronelismo, politqueira.

Gustavo Barroso

Extraído do livro, *Almas de lama e de aço*. Edição Melhoramento, São Paulo, 1930.

Núcleo Cultural
Augusto Maranhão



Fone: 32055000

Alcatéia Maldita

Como se estivesse com uma câmera nas mãos, procuro um ângulo onde eu possa deter com maior foco de visão alguns detalhes da imagem de um grupo musical que de forma alguma se enquadra em clichês reproduzidos pela mídia. Este Grupo denomina-se Alcatéia Maldita. Seu principal líder, Raul, mimetiza traços de um guru underground sincronizado com as vibrações da música sem nenhuma fronteira ideológica, sem nenhuma submissão aos ditames das etiquetas mercadológicas, sem a venalidade dos que traem a arte.

A vida, às vezes, parece nos conceder uma cortesia para assistirmos um filme em que você não esperava ser um dos atores. A vida tem seus dias ausentes quando imaginamos que ela seja a eterna presença de um sentido. A vida não tem carteira assinada nem por Deus, o burocrata do eterno.

Conheci Raul num período em que eu tentava sair de um casulo muito complexo, envolto por conflitos existenciais. Eu admirava o seu tipo exótico, andando sempre com um livro debaixo do braço, barba e cabelos longos, magro, uma figura de um asceta moderno. Dotado de uma linguagem de sintaxe um tanto não convencional, mas lógica, costumávamos conversar sobre tudo. Morando em Lagoa Seca, mas sintonizado com os movimentos da cultura nacional e internacional, quando do surgimento das primeiras bandas de rock em Natal, Raul marcou presença como um cantor original. Não há como enforçar Alcatéia Maldita sem destacá-lo como o seu principal líder e produtor.

Presenciei muitas vezes o esforço titânico de Raul procurando meios para realizar apresentações em teatro e outros espaços culturais. Os seus shows musicais sempre foram verdadeiros happenings. Bom cantor, voz forte de negro, carinhosamente o



Raul da Alcatéia

chamávamos de Negão. Dotado de grande improvisação cênica, alguns shows produzidos por ele tiveram a marca da crítica ao establishment. A sua forte imagem rebelde atraía e encantava os jovens urbanos e suburbanos das diversas camadas sociais de Natal. O seu fã clube ainda perdura.

Receptivo e hospitaleiro para com todos, freqüentei muito a sua casa, assistindo e participando dos ensaios musicais do grupo. Nomes legendários da história musical da cidade, como Pereirinha, Carlão, Edinho, Ferrim, João de Deus, Joca e Galo, formavam um naipe musical da pesada. De sua casa, principalmente nas noites enluaradas, saíamos pelas praias, pelas dunas, pelas trilhas dos terrenos baldios tocando e cantando para a lua e as estrelas.

Durante a década de 60, quando os movimentos de contracultura procuravam romper com os valores da sociedade de consumo, Raul foi um dos primeiros jovens de Natal a se contrapor ao comportamento conservador da

cidade. Como um verdadeiro hedonista, Raul não se enquadrava à seriedade excessiva imposta pelo sistema. Alcatéia Maldita surgiu com um espírito autêntico de identidade hippie, cantando e tocando pelo prazer de tocar nos teatros e bares da vida. Poetas como Fernandão, Bianor, Osório, Vicente, Tertuliano e Najero contribuíram como letristas da banda.

Apesar de muita sonolência por parte dos agentes da cultura local dos anos 60, havia um pouco de Londres em Lagoa Seca e adjacências. As dunas da Via Costeira ainda não tinham sido rasgadas para interligar Natal à Ponta Negra. O nosso grupo explorava aquelas praias desertas, atravessando o que hoje se denomina de Bosque dos Namorados. A natureza nos acolhia com o seu palco cheio de pássaros em liberdade e flores exibindo as suas pétalas coloridas. Natal estava começando a esboçar os primeiros sinais de cidade grande, incorporando-se à loucura dos progressos.

Diz a letra de uma música de Gilberto Gil: "O sonho acabou. Quem não dormiu num sleeping-bag nem sequer sonhou." A vida é muitos sonhos sonhados. Alcatéia Maldita é parte de um outro sonho que não acabou.

Eu e Raul fizemos uma viagem de fusquinha até Mossoró num clima de Easy Rider. Nos encontramos com João de Deus e fomos até Martins. Foi uma festa "dissolvendo a noite na boca do dia".

Alcatéia Maldita não acabou. Os lobos estão aí no asfalto.

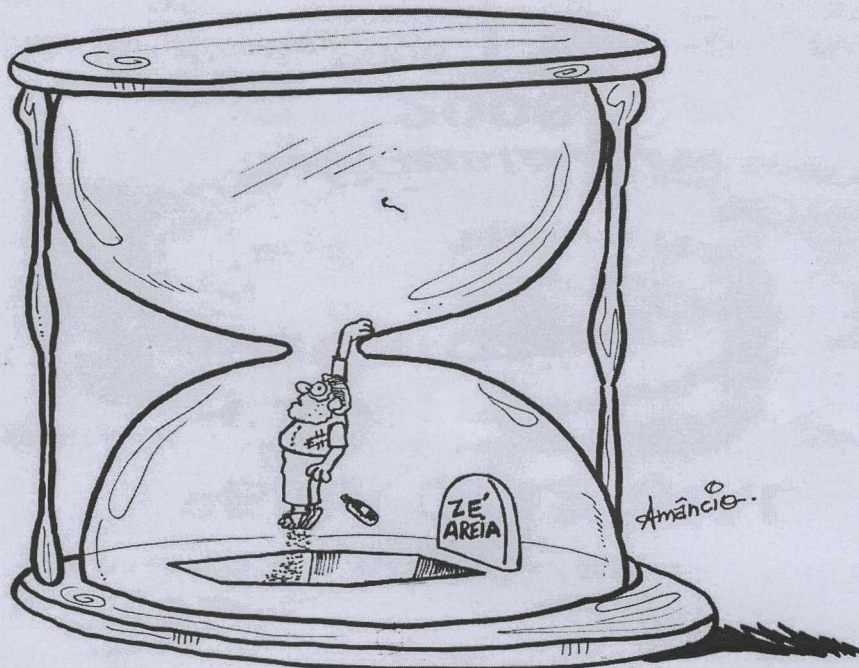
Hudson Paulo da Costa

FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes

PREFEITURA DO
NATAL
compromisso com a cidade

Funcarte@natal.rn.gov.br - Fone: (84) 3232-4956

Galo miou



Um povilêu pachorronto na pequena cidade silenciosa escuta pelos doze autosfalantes espalhados pelo Grande-Ponto e a ribeira o que se passa no começo da Segunda Guerra Mundial. Notícias de invasão, desordem e destruição numa Europa guerreada. Pasmados, os cidadãos circunstantes comentam os fatos acontecidos e logo após escutarem as badaladas do relógio Big-Bem ao final da transmissão retomam seus costumeiros afazeres.

São os tempos de Zé Area, festejado príncipe dos chistes e do deboche instantâneo. Ginosofista, lança por terra numa rapidez estonteante aquele que o provoca, dando-lhe resposta fulminante. O sujeito Genival vê de longe um pai-de-chiqueiro a ser premiado numa rifa de Zé: - que bode feio, magro e

fedorento, Area! E parece que não é sério! Esse bicho tem nome? - Genival, disse Zé.

É sobrinho do padre Area, aquele que interrompeu a santa missa na igreja Bom Jesus pela metade e saiu correndo até o cais da Tavares de Lira atrás de um bebum que o atrapalhada no culto e furioso deu-lhe uns safanões, retomando a missa na mais santa das calmas.

Barbeiro filibostênico-o que tira sangue-manejou uma velha solingen que em tempos frios não pegava corte. E durante algum tempo manteve o ofício trabalhando num salão para os lados da Ribeira. Um tabaréu foi entrando e disse: que catanga de inhaca nessa rua, Zé! E é de uma ponta a outra! - Area sem levantar os olhos: veio tirar o bigode? - Zé a todos conhecia e com todos

pilheriava na mais fina picardia nas mais diversas oportunidades e ocasiões. Bitáculas o atraem. Numa conversa convida um amigo: domingo vá sem falta, tenho pinga de cabeça e vou fazer um galo torrado lá no meu barraco, perto do Miguel Couto. E Nilson Patriota foi.

Nas encostas do morro se descobre a Praia do Meio, de poucas habitações. O lar de Zé Area é recoberto de palhas de coqueiro e seu piso é na areia macia da própria duna, tapera humilde mais de onde vem um cheiro bom de comida caseira em panela de barro. Enquanto espera Zé, Nilson toma uns aperitivos com alguns pedaços do tira-gosto. Elogiando a comida diz à mulher ter apreciado o tempero, a cor e o sabor do galo torrado. Galo? - questiona a mulher. Ele disse que era galo? Zé Area não tem jeito não. O senhor comeu gato, e ao invés de ser um novinho que fugiu logo cedo, ele arranhou um velho que ia passando aqui por perto. É gato torrado, seu Nilson.

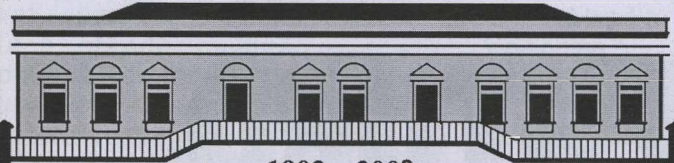
Cardíaco, dizia: estou farto de ter infarto! Num último arfar sussurrou baixinho: mulher feia, quero morrer em teus braços!

E lá se foi Zé Area virando areia que já se fez pó.

Aroldo Martins

106 anos

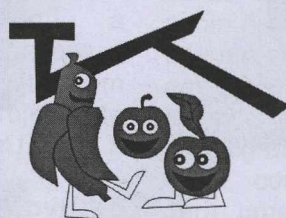
A mais antiga
Instituição Cultural do Estado



1902 * 2008

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

A Ki - Tanda



DISKTANDA
3223-3161

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2419 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161

Gentil Ferreira: além da praça

Engenheiro, por formação, professor, do antigo e bom Atheneu, desportista, Presidente do ABC, político, por vocação e tradição familiar. Nascido em Santa Cruz (24/02/1901), faleceu em Natal (04/11/1962) cidade que governou por três períodos:

No ano em que Gentil Ferreira de Souza nasceu, Natal conhecia sua primeira intervenção urbana. Era Presidente da Intendência Joaquim Manuel, contratou o agrimensor Antônio Polidrelli e no período de 1901 a 1904, surgia a Cidade Nova, hoje os bairros de Petrópolis e Cidade Alta.

Aos trinta anos de idade, o menino de Santa Cruz, era nomeado Prefeito da capital Potiguar, iniciava desta forma uma ação mais efetiva no cotidiano político da cidade. Nas três vezes em que esteve a frente do executivo municipal, deixou sua marca de construtor nas diversas regiões da urbe: Mercado Público da Cidade Alta (01 de maio de 1937); Mercado do Alecrim (10 de novembro de 1938); urbanização da Praça Pedro Velho e reforma do Cemitério do Alecrim (novembro/1937 e outubro/1938), entre outras



obras.

Gentil Ferreira era um grande amante do desporto, na década de 1930 esteve à frente da Federação de Basquetebol e Voleibol nordestino-grandense. Seu nome está inscrito na galeria dos incentivadores do esporte, amador e profissional, de Natal. Também era conhecido, na sociedade natalense,

como, digamos, animador social, assumindo no período da Segunda Guerra, os destinos do Aero Clube.

Gentil Ferreira é um personagem da história local, que vai além do nome de uma praça.

Luciano Fábio D. Capristano*

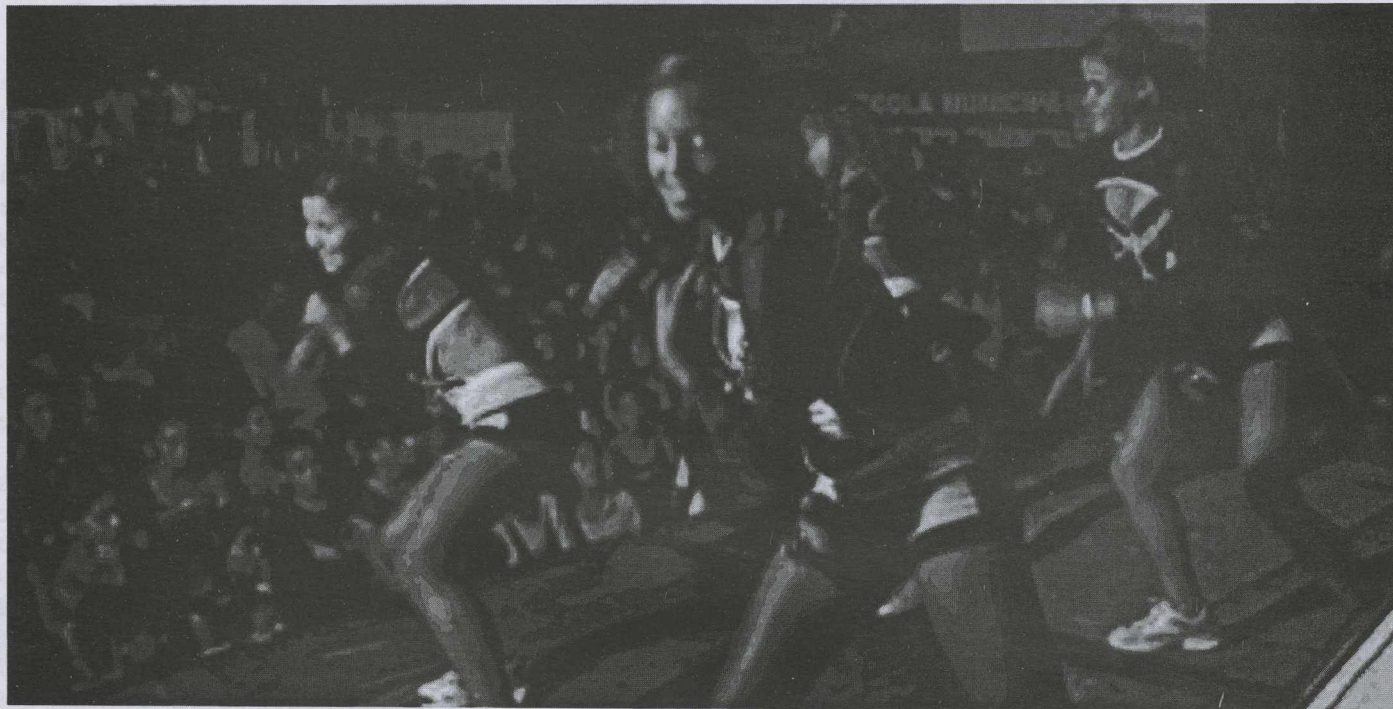
(*)Historiador/SEMURB

Dep. Robinson Faria

É PRESENTE.

É FUTURO.

Show das comunidades



No dia 30 de janeiro passado, realizamos, na Cidade da Esperança, o Show das Comunidades de número 41. Está programado para o dia 28 próximo, no bairro de Nova Natal, o show de número 42, deste projeto que nós idealizamos em 2001 e que, desde o ano de 2005 realiza-se com o patrocínio da Lei Djalma Maranhão. O Show das Comunidades, que tem, atualmente uma média de público de 3000 pessoas, é o único projeto itinerante do Brasil que, além de realizar em comunidades natalenses, também tem um trabalho de alcance educacional, através do projeto Futuro Feliz, ambiental, através do programa Sementes do Amanhã, e social, na medida em que descobre talentos nas comunidades e contribui para o lançamento destes talentos no mercado de trabalho, através da gravação do CD "Show das Comunidades.

Durante a realização do Show das Comunidades na Cidade da Esperança, que abriu a temporada de 2008, ao ver inúmeros artistas (cantores, grupos de dança, de hip hop e bandas) pisando um palco – alguns deles pela primeira vez – para se apresentar diante de uma grande multidão eu, em determinado momento me dirigi ao público afirmando que nosso projeto estava realizando um trabalho de inclusão cultural. Como nunca tinha usado esta expressão antes, acessei o Google e pude constatar que lá existem aproximadamente

297.000 registros sobre inclusão social, 251.000 registros sobre inclusão digital 227.000 registros sobre inclusão cultural. Isto significa dizer que, apesar dos avanços, a cultura ainda não conquistou o primeiro lugar no pódio.

Até bem pouco tempo, Cultura era tido como algo de exclusividade da elite: era considerada como a produção do belo, a expressão dos desejos, a linguagem dos sentidos, "uma arma que tem que tomar partido até manchar-se" (segundo as palavras do poeta espanhol Gabriel Celaya). Qualquer criação artística que não se enquadrasse neste conceito, era considerada "baixa cultura." Segundo o "Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento", promovido pela UNESCO, com o avanço das políticas públicas e sociais este parâmetro foi aos poucos se quebrando, a hierarquia cultural foi se esfacelando e, atualmente, as potencialidades da cultura são armas importantes para o "reencantamento do mundo, a construção de uma cultura de paz, o exercício da liberdade criativa em favor de coletividades, projetos de civilização antagônicos a violências."

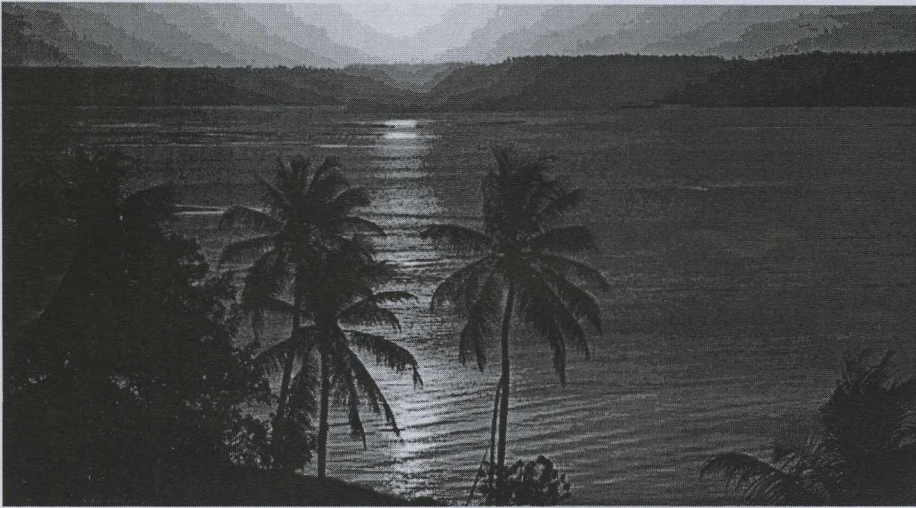
Atualmente o governo federal reconheceu esta realidade ao criar os Pontos de Cultura e o Ministro Gilberto Gil afirmou que as comunidades de risco podem ser resgatadas mediante sua inclusão cultural. Como em qualquer lugar, os

habitantes das comunidades carentes de Natal têm uma cultura própria no seu modo de agir, se vestir, falar e têm uma produção cultural que precisa ser levada em conta: na periferia, nos morros, nas favelas, nos bairros populosos existem cantores, grupos de dança, artistas plásticos, instrumentistas e uma gama enorme de jovens talentosos que são totalmente marginalizados em virtude de não ter acesso aos meios de comunicação e aos órgãos que fazem a cultura no nosso estado e na nossa capital.

Segundo a UNESCO, não existem culturas superiores e sim culturas diferentes. E reconhecer esta diferença é importante para afastar crianças e jovens da ociosidade, do vício, da violência e do crime organizado. Ao idealizarmos o Show das Comunidades, nós o fizemos reconhecendo esta diferença. Desse modo nosso projeto, que conta, desde 2004 com o patrocínio da Lei Djalma Maranhão e com o apoio de empresas parceiras, está há sete anos abrindo espaço para os artistas das comunidades, levando lazer, arte e cultura de forma gratuita aos quatro cantos de Natal, contribuindo, desta forma, para uma nova política cultural, construtora de uma cultura de paz.

Tibau do sul

Os cantos dos últimos suspiros



A praia de Tibau do Sul abriga diversas manifestações folclóricas

Aproximadamente 90 quilômetros de Natal, entre a Lagoa de Guarairas e o Oceano Atlântico na Região do Litoral Agreste nasce uma povoação, habitada primitivamente por tribos indígenas com a denominação de Tibau, que significa região entre duas águas.

Nessa importante e histórica comunidade de uma forte resistência cultural folclórica, ainda podemos ouvir emocionantes e penosos cantos de Inselença. Um costume introduzido no Brasil pelos negros africanos, uma tradição remanescente do 'Itambí Africano', registra o pesquisador Gonçalves Fernandes em "O Folclore Mágico do Nordeste".

Inselença é uma corruptela de Excelência, que pode também ser pronunciada inselência. Canto entoado á cabeça dos moribundos ou de mortos em velórios que vara a madrugada "fazendo quarto", na sala onde está o defunto. Costumam se reunir beatas e cantadoras de benditos em súplica á Virgem Maria e são Benedito, santos de muito prestígio no sertão, para que recebam a alma do moribundo ou morto, dando-lhe um bom

lugar no céu. Quando entoados "ante-mortis", apelam ao moribundo para se arrependem em tempo dos pecados praticados.

Há uma diferença entre Inselença e Bendito. O primeiro é uma súplica ao morto, o segundo é um canto de louvor ao santo.

A tradição popular entende ser uma coisa sagrada que respeita e cumpre todos os princípios do ritual, e, o não cumprimento destes é tido como agravo ou desrespeito ao santo a quem se dirige a súplica da Inselença. Com a retirada do cadáver para o enterro, no momento em que estão cantando, as cantadeiras costumavam acompanhar o cortejo até o final. Acreditavam que se todo ritual não fosse cumprido, Nossa Senhora permaneceria de joelho, e o espírito, em função desse desrespeito não ganharia a salvação.

Luiz da Câmara Cascudo no seu Dicionário do Folclore Brasileiro, diz-nos que eram praticadas com freqüência nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e até em outros Estados do Brasil, Augusto César Pires, em Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos,

diz que ainda é possível identificar esse ritual nas regiões do Douro e Minho em Portugal.

As Inselências são cantadas sem acompanhamento instrumental e repetem de forma uníssona doze vezes cada canto, iniciados sempre com 'Uma Inselença'.... Há vários tipos de Inselências: para chuva, trovoada, tempestade, peste, vento, santos e anjos. Contudo, as mais difundidas no Rio Grande do Norte são para moribundos e mortos.

Tenho viajado muito em pesquisas por várias regiões do RN, e, esse tipo de manifestação cultural só foi encontrado em Tibau do Sul. Contudo, pode ainda existir nos grotões do Seridó e Alto Oeste, essa relíquia dos muitos fragmentos folclóricos herdados do mundo colonizador, cantado nas afinadas vozes das senhoras Biga e Noêmia, uma descoberta do pesquisador Dácio Galvão nas competentes pesquisas realizadas no país de Hélio Galvão, seu pai. A convite de Dácio fomos a Tibau testemunhar a descoberta desta preciosidade, que logo depois foi registrado em CDs, pelo projeto Toques & Cantares, com Direção Artística e Musical do próprio Dácio Galvão. Foram documentados seis cantos de inselências para mortos, nas vozes destas importantíssimas artistas da memória popular que em muito engrandece o País de Tibau do Sul.

Recentemente voltam a brilhar, desta vez um arranjo com três cantos, feito por Sergio Galo da Paraíba, uma releitura com o cantor e compositor Xangai, ilustrando a trilha sonora do filme As Pelejas de Ojuara.

SeverinoVicente



SuperStar
PROMOÇÕES & EVENTOS

William Collier

Palcos / Camarotes / Tendas / Pórticos / Estandes para Feiras / Arquibancadas
Bilheteria / Fechamento de Ferro / Mesas e Cadeiras / Passarelas / Banheiros
Químicos / Talões / Rádio Comunicador / Geradores.

Av. Jerônimo Câmara, 1525 - Lagoa Nova - Natal/RN
Tel: (84) 9981.4081 - CEP: 59060-300
collier@projetoiseisemeia.com.br
www.projetoiseisemeia.com.br



**GALVÃO
MESQUITA
ILUMINAÇÃO**

FONE: 3213-8656

WWW.GALVAOMESQUITA.COM.BR
iluminacao@galvaomesquita.com.br

Com conveniência



O Restaurante do Omar mantinha tradição de bem servir e por isso estava sempre com casa cheia. Se por acaso houve algum incidente, como ocorre nos melhores restaurantes do mundo, partindo-se da premissa de o homem não ser infalível, este incidente não está registrado. E a clientela prestigiava-o e o restaurante prosperava.

Certa noitinha, o Dr. Osório sentou-se na mesa da lateral esquerda e aguardou o garçom que, ao se aproximar, prontamente perguntou, quase num sussurro, o que o cliente pretendia, oferecendo-lhe o cardápio, todo em plástico colorido.

-Por favor, traga-me uma sopa à casa.

Outra referência e a confirmação:

-Pois, não, senhor. Um minuto só, senhor.

Cinco minutos depois o garçom voltou com o prato solicitado. Aproximou-se pela

direita, fez a mesura de praxe e colocou o prato em frente ao cliente, que, parece, não lhe seria tão conhecido. Deveria, no entanto, ser cliente da casa, ou dela ter ouvido falar, tantos seriam os freqüentadores, que nem dava para se gravar.

E se não fosse? Nada extraordinário. Fazia parte da cena diuturna.

E o freguês, o Dr. Osório, aqui pra nós, pelo semblante austero, pelo bigode imponente, pelo cabelo raspado rente ao couro cabeludo, pela presença, não lhe fugiria mais da consciência.

Do garçom. Do garçom, subtendido. Logicamente; e tanto é que se afastou para suas outras obrigações.

Eis que, sem decorrer um minuto após o prato de sopa está em frente ao freguês e todo o cerimonial haver sido cumprido e já o garçom ouviu um outro chamado respeitoso.

Olhou para o outro lado.

Ninguém se manifestava. Virou-se para o lado ilustre do Dr. Osório e lá estava ele, de dedo ereto. O Dr. Osório, ora sim, senhor! O Dr. Osório lhe chamava. Que houvera?

Deslizante, aproximou-se:

-Pois não, senhor.

Pãozinho? Mas, o pãozinho está aí!

Dr. Osório fitou-o, jogando o guardanapo em cima da mesa.

-Não é o pãozinho, não senhor. O pãozinho eu estou vendo.

-Então, senhor?

-Eu desejo um pente.

Mas, ora, ora!

Deselegância! Num restaurante chique! Horror. Tem muita gente que parece, mas não é. Pelo amor de...

-Pente, senhor? Que curioso! Desculpe-me informar-lhe, mas o senhor está bem penteado. Tudo bem com o senhor e com todos do restaurante.

-Não, não está. E não é para me pentear, que lhe peço um pente.

-Então, senhor? Pra que deseja um pente?

E Dr. Osório:

-Pra pentear esta sopa, que está com os cabelos bem assanhados.

-Cabelos, senhor?

-E não me olhe assim e me suspenda o pedido. Traga-me uma fritada de camarão, devidamente guarnecida. E careca. Por obséquio.

Afrânio Pires Lemos

**LIVRARIA
INDEPENDÊNCIA**

- Livros
- Suprimentos p/ informática
- Papelaria
- Móveis p/ escritório

Rua Amaro Barreto, 1243 - Alecrim - Natal/RN
fone/fax: (84) 3211-4966 / 3201-4100

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

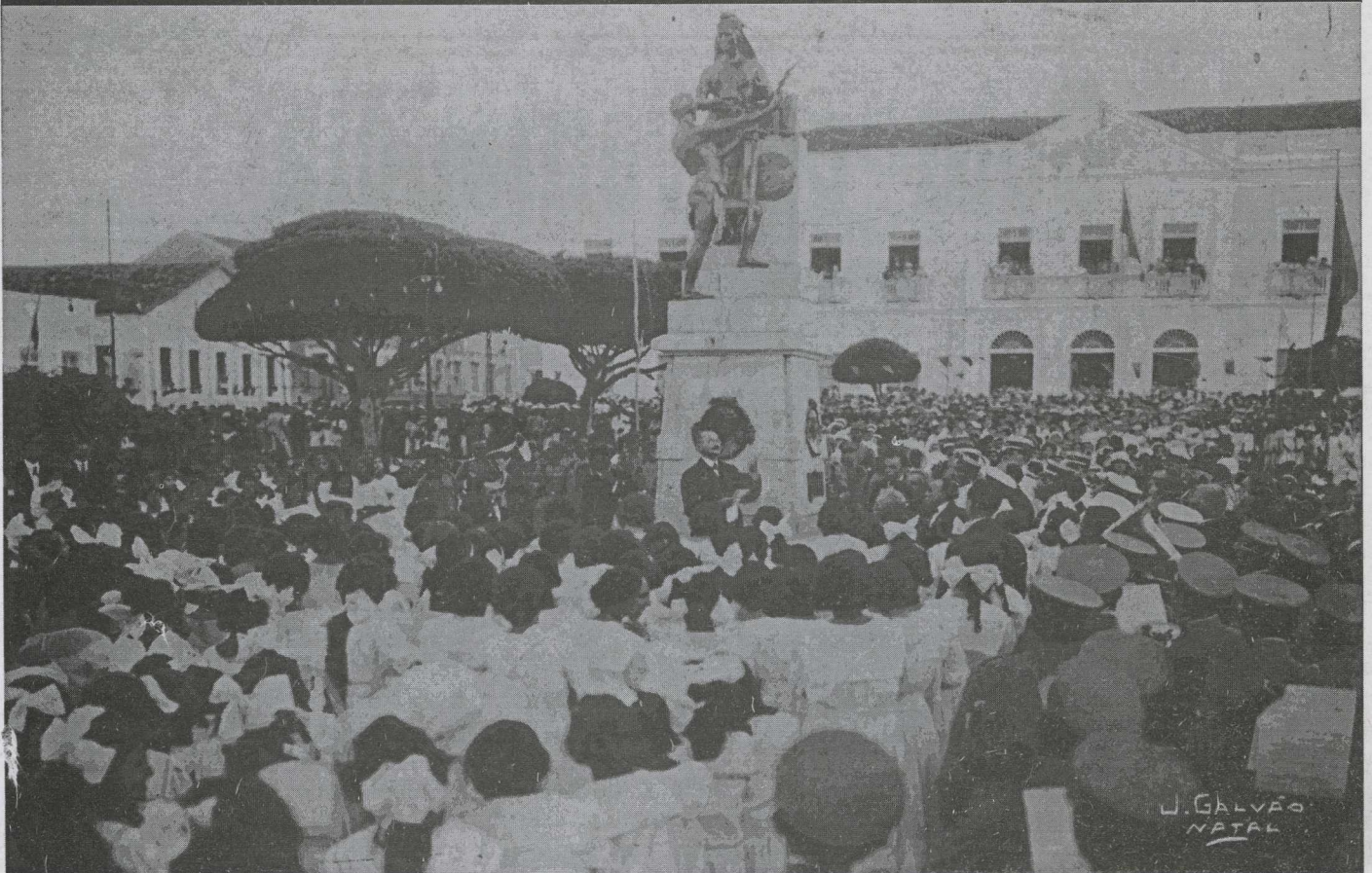
Cata Livros

DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos,
Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Rua Voluntários da Pátria, 631 - Centro
Rual Gal. Osório (Ao Lado do Hotel S. Paulo) - Centro
Fone: (84) 3201-9087

Memória da cidade do Natal



O governador Antônio de Souza discursa na inauguração do monumento à Praça Sete de Setembro, em 07/09/1922



Inauguração do monumento a D. Pedro II na praça do mesmo nome, em 02/12/1925

Natal terá Museu da Cultura Popular

Com a proposta de criar um espaço para se guardar, preservar e divulgar objetos materiais ligados à cultura popular da cidade do Natal, a Prefeitura criou o Museu de Cultura Popular no prédio da antiga rodoviária no bairro da Ribeira. O novo espaço, localizado no bairro histórico de Natal, recebeu o nome Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão, numa homenagem ao ex-prefeito da capital e grande incentivador da cultura. No museu os visitantes vão encontrar a história dos bairros Ribeira e Rocas, as danças tradicionais como Congos de Calçolas, Boi Calemba, músicas, vídeos, esculturas, mamulengos, literatura de cordel, xilogravuras, fotografias, além de mostrar em painéis a arte, a fé e a crença do povo.

